

“TUDO É INTERLIGADO, INTERDEPENDENTE E RELATIVO”: REFLEXÕES INICIAIS SOBRE O MEIO PARA PENSAR UMA OUTRA EDUCAÇÃO AMBIENTAL¹

Julia Ferreira Maximiano², Ana Maria Hoepers Preve³, Chiara Pacheco Pettenon⁴

¹ Vinculado ao projeto “Cartografias intensivas em educação: outros modos de fazer para outras geografias”

² Acadêmica do Curso de Geografia – FAED – Bolsista PROBIC/UDESC

³ Orientadora, Departamento de Geografia – FAED – anamariapreve@gmail.com

⁴ Acadêmica do Curso de Geografia – FAED.

Essa pesquisa tem como proposta buscar por outras perspectivas que vão para além de uma lógica utilitarista na relação do humano com o meio ambiente. Para isso, através de práticas educativas, como as oficinas a pesquisa visa compreender a existência de outras possibilidades de relação entre humano e natureza. Com propostas que retratam com outro comprometimento a possibilidade de entender o que pode ser também meio ambiente, e o que pode ser também educação ambiental, o objetivo da atual pesquisa é redesenhar outras educações ambientais com base em processos de decomposição.

No decorrer da pesquisa fomos colocadas em contato com o material de pesquisa de Ana Primavesi, engenheira agrônoma, vinda da Áustria para o Brasil com seu marido. Ela foi pioneira no desenvolvimento da agricultura ecológica e orgânica aqui no país. Em seus textos, estudos e artigos em seu acervo online, pude notar que Primavesi também traz essa necessidade de dizer que o meio não está separado de quem o habita, que o meio é um inteiro, que ele não começa depois de nós, lá, longe de nós; ele é algo que continua em nós, ou que nós continuamos dele. Muito do contato com essa perspectiva e saberes da Agroecologia pautado por Primavesi, é perceptível não só o contato/cuidado com o solo, mas também de nossas práticas de cultivo das relações com o meio. Como praticar a educação ambiental na perspectiva dessa autora? Um dos textos no acervo da Ana, “O Solo - A base da vida em nosso globo”, mostra um olhar atravessado pela agroecologia e chama atenção quando fala sobre a interligação entre o meio e nós. Primavesi escreve: “A base da Agroecologia é: a visão holística da natureza. Não existem fatores isolados, tudo é interligado, interdependente e relativo” (2001, p. 1-2). Entre suas palestras e textos é notável como a autora faz um encontro entre o que pode ser visto como linguagem técnica para quem estuda maneiras de fazer agroecologia, e o que pode ser visto como uma linguagem de percepção para quem estuda maneiras de fazer uma educação ambiental.

De Ana Primavesi sigo na direção do antropólogo Tim Ingold quando desenvolve conceitos sobre a antropologia ecológica no texto “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais” (2012). Neste texto ele diz:

“Deixemos agora o isolamento da sala para dar uma volta lá fora, ao ar livre. Nosso caminho nos leva a uma mata. Cercado de troncos e galhos, o ambiente decerto parece repleto. Mas ele está repleto de objetos? Suponhamos que nos concentremos numa árvore qualquer. Lá está ela, enraizada na terra, seu tronco se erguendo e seus galhos se abrindo, balançando ao vento, com ou sem brotos ou folhas, dependendo da estação. A árvore é um objeto? Em caso positivo, como a definiríamos? O que é árvore, e o que é não árvore? Onde termina a árvore e começa o resto do mundo? Essas não são questões fáceis de responder - ao menos não tão fáceis como parecem ser no caso dos móveis no meu escritório” (INGOLD, 2012).

Quando a ideia de coisa como um agregado de fios vitais apresentada por Ingold se mescla com a nossa percepção de sermos humanos e a percepção do conjunto que representa a “terra”, algo em comum se percebe. Os dois trazem uma reflexão potente para o trabalho em educação que aqui se discute, os dois falam da impossibilidade de pensar em separado ser humano e natureza. Ideia forte para a produção de um outro encaminhamento para a educação ambiental. O solo pode ser visto como um agregado de fios vitais que dão vida às sementes e às plantas. Já para a percepção humana de sobrevivência precisamos desses fios vitais provenientes da terra, para darmos vida há quem somos. Toda essa ponderação, pode ser vista como algo de novo para se pensar uma educação ambiental onde não precisa ser praticada somente lá onde avistamos indivíduos arbóreos e um grande pasto verde. Com o entendimento de que a natureza não precisa ser somente lá, afastada de nós, e que pode ser cultivada em nossa mente, é possível desenvolver práticas outras até mesmo dentro de edificações feitas de alvenaria.

Durante o desenvolvimento da pesquisa e em busca de práticas educativas houve uma aproximação com outra bolsista para que pudéssemos juntas explorar ao mesmo tempo alguns interesses pessoais, através de arte, música, leituras em grupo, e utilizar dessas formas de expressão para apresentar e manifestar um pouco das conversas, pensamentos, questionamentos resultantes das nossas pesquisas teóricas. Propusemos uma oficina de pintura que faríamos com pincéis, tintas naturais, usando as cartolinas e os restos vegetais encontrados nos locais de realização da ação. Porém o que era para ser desenhado, pintado, colorido, colado e rabiscado não era algo que estava determinado por nós, e sim pelos participantes no encontro que uma prática educativa coletiva propõe. Através das diversas atividades educacionais podemos pensar a nutrição e o cultivo da terra e entender que cosmovisões outras não coloniais partem de relações fortes com a terra. Exercitar uma consciência cuja base é o corpo e os seus fazeres é necessário pensar com a mente na terra, respeitando e pedindo licença ao nos relacionarmos com ela. Ou como nos diz Ailton Krenak pisando leve na T(t)erra. Esse trabalho tem como desafio revisitar práticas de educação ambiental oficiais para ver o que acontece com ela nos processos a que vamos submetê-las: decomposição orgânica e não no seu encaminhamento direto para o lixo, como é o costume da nossa sociedade. Fazer algo outro com o que está, em composição.

Palavras-chave: Educação ambiental. Meio ambiente. Oficina.